

# JO NESBØ

## BONECO DE NEVE

tradução de **GRETE SKEVIK**



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Nesbø, Jo, 1960-  
N371b Boneco de Neve / Jo Nesbø; tradução de Grete  
Skevik. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

Tradução de: Snømannen  
ISBN 978-85-01-09480-3

1. Literatura norueguesa. I. Skevik, Grete. II. Título.

13-00946

CDD: 839.82

CDU: 821.111(481)

TÍTULO ORIGINAL:  
Snømannen

Copyright © Jo Nesbø, 2007  
Publicado mediante acordo com a Salomonsson Agency.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-09480-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



# Parte 1

# 1

QUARTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 1980

## O Boneco de Neve

**E**ra o dia em que a neve veio. Às onze horas da manhã, enormes flocos surgiram de um céu incolor, invadindo os campos, os jardins e os gramados de Romerike, como uma armada vinda do espaço sideral. Às duas da tarde, dois caminhões removedores de neve estavam em ação em Lillestrøm, e às duas e meia, quando Sara Kvinesland conduziu lenta e cuidadosamente seu Toyota Corolla SR5 entre as casas esparsas da rua Kolloveien, a neve de novembro caía sobre a paisagem ondulada do campo como um edredom.

À luz do dia, ela achou que as casas pareciam diferentes. Tão diferentes que quase passou da entrada da garagem. Quando pisou no freio, o carro derrapou, e ela ouviu um gemido vindo do banco de trás. Pelo retrovisor, viu a expressão descontente do filho.

— Não vai demorar, meu bem — disse.

Em frente à garagem havia uma grande faixa de asfalto em meio a toda aquela brancura, e ela pôde ver que a van da mudança esteve ali. Sentiu um nó na garganta. Torceu para que não fosse tarde demais.

— Quem mora aqui? — A pergunta veio do banco de trás.

— É só um conhecido — respondeu Sara, automaticamente verificando seu cabelo no espelho. — Dez minutos, meu bem. Vou deixar a chave na ignição para você poder ouvir rádio.

Ela saiu sem esperar pela resposta e saltitou com os sapatos escorregadios até a porta por onde havia passado tantas vezes, mas nunca assim, em plena luz do dia e à vista de todos os olhares curiosos da vizinhança. Não que visitas tarde da noite aparentassem ser mais inocentes, porém, por algum motivo, atos dessa natureza pareciam mais apropriados quando executados depois do anoitecer.

Ela ouviu a campainha soar lá dentro, como uma abelha no interior de um pote de geleia. Sentindo brotar o desespero, lançou um olhar para as janelas dos vizinhos. Elas não lhe revelaram nada, apenas o reflexo das macieiras pretas e desfolhadas do céu cinzento e da paisagem cor de leite. Finalmente, ela ouviu passos por trás da porta e soltou a respiração, aliviada. No instante seguinte, estava do lado de dentro e nos braços dele.

— Não vá, querido — pediu ela, ouvindo um soluço já fisingando suas cordas vocais.

— Preciso ir — disse ele em voz monótona, como se aquilo fosse um refrão que estava cansado de repetir. Suas mãos procuraram caminhos familiares; essa sim, uma repetição da qual nunca se cansava.

— Não, não precisa ir — sussurrou ela em seu ouvido. — Mas você quer. Você não tem coragem de continuar.

— Isso não tem nada a ver com você e eu.

Dava para ouvir a irritação brotando na voz dele ao mesmo tempo que sua mão, forte mas gentil, deslizava pelo meio das costas dela, indo para o interior do cós da saia e da meia-calça. Eles eram como um par de dançarinos experientes que conheciam cada movimento do parceiro, os passos, a respiração, o ritmo. Primeiro, na cama, o lado claro e prazeroso do amor. Depois, o amor em seu aspecto sombrio, o lado doloroso.

A mão dele passou sobre o casaco dela, procurando o mamilo sob o grosso tecido. Ele era eternamente fascinado pelos mamilos dela; sempre acabava procurando-os. Talvez por ele mesmo não ter nenhum.

— Você estacionou em frente à garagem? — perguntou ele, beliscando com força.

Ela fez que sim e sentiu a dor atingi-la como uma flecha de desejo subindo à cabeça. Seu sexo já estava dilatado para receber os dedos que logo estariam lá.

— Meu filho está esperando no carro.

A mão dele parou abruptamente.

— Ele não sabe de nada — disse ela num gemido ao sentir a mão dele hesitar.

— E seu marido? Onde ele está agora?

— Onde você acha? No trabalho, é claro.

Agora era ela quem parecia irritada. Tanto por ele ter trazido seu marido à conversa quanto por ser difícil para ela dizer qualquer coisa sobre o marido sem se irritar; e também porque seu corpo precisava tê-lo, o quanto antes. Sara Kvinesland abriu a braguilha dele.

— Não... — começou ele, segurando-a pelo punho. Ela lhe deu um tapa com força com a outra mão. Espantado, ele olhou para ela enquanto o rubor espalhou-se pela face. Ela sorriu, agarrou o farto cabelo preto dele e puxou seu rosto para si.

— Você pode ir — disse ela. — Mas antes vai ter que me foder. Está entendido?

Ela sentiu a respiração dele em seu rosto. Agora vinha em fortes arfadas. Outra vez lhe deu um tapa com a mão livre, e o pau dele endurecia na outra mão.

Ele metia, cada vez um pouco mais forte, mas já havia acabado. Ela estava dormente, a magia havia passado, a tensão tinha se dissolvido e tudo o que restou era o desespero. Ela o estava perdendo. Naquele instante, ali deitada, ela o havia perdido. Todos aqueles anos ansiando por ele, todas as lágrimas derramadas, as atitudes desesperadas que ele a induzira a tomar. Sem dar nada em troca. Exceto por uma coisa.

Ele estava posicionado ao pé da cama, pegando-a de olhos fechados. Sara encarou o tórax dele. No começo havia estranhado, porém aos poucos começara a gostar da visão daquela pele branca e sem marcas sob a musculatura peitoral. Lembrava-a estátuas antigas em que os mamilos eram omitidos por consideração ao pudor público.

Os gemidos dele aumentaram, e ela sabia que em breve ele soltaria um urro furioso. Ela amava aquele urro. A expressão facial sempre surpresa, estática, quase de dor, como se todas as vezes o orgasmo ultrapassasse suas mais loucas expectativas. Agora ela esperava o último urro, uma despedida sonora daquela caixa fria que era o quarto dele, despido de quadros, cortinas e carpete. Depois, ele iria se vestir e viajar para outro lugar do país, onde disse que lhe ofereceram um emprego que não podia recusar. Mas ele podia abrir mão disso. Disso aqui. E ainda assim soltaria um urro de prazer.

Ela fechou os olhos. Mas o urro não veio. Ele havia parado.

— O que foi? — perguntou ela, abrindo os olhos. O rosto estava contorcido, sem dúvida. Mas não de prazer.

— Um rosto — sussurrou ele.

Ela se sobressaltou.

— Onde?

— Do lado de fora da janela.

A janela ficava ao pé da cama, logo acima da cabeça dela. Sara virou-se na direção oposta, sentindo-o deslizar para fora, já mole. A janela so-

bre sua cabeça estava alta demais na parede para que, de onde ela estava deitada, pudesse ver o exterior. E alta demais para que alguém do lado de fora pudesse olhar para dentro. Graças à luz do dia que já começava a morrer, tudo que pôde ver foi a dupla exposição do reflexo do lustre do teto.

— Você se viu — declarou ela, quase implorando.

— Foi o que pensei primeiro — replicou ele, ainda olhando pela janela.

Sara ficou de joelhos. Levantou-se e espiou para o jardim. E lá estava o rosto.

Ela soltou uma gargalhada de alívio. O rosto era branco, com olhos e boca feitos de pedrinhas pretas, provavelmente recolhidas na frente da entrada. Os braços eram galhos de macieiras.

— Mas, meu Deus! — exclamou ela, arfando. — É apenas um boneco de neve.

Então seu riso se transformou em lágrimas. Desamparada, Sara soluçou até sentir os braços dele em volta de si.

— Eu preciso ir — anunciou ela num soluço.

— Fique mais um pouco — pediu ele.

Ela ficou mais um pouco.

Quando Sara chegou à garagem, viu que quase quarenta minutos haviam se passado.

Ele havia prometido ligar de vez em quando. Sempre fora um bom mentiroso, e, ao menos dessa vez, ela achou isso bom. Antes mesmo de chegar ao carro, pôde ver o rosto pálido do menino olhando para ela do banco de trás. Ela puxou a porta do carro e, para sua surpresa, viu que estava trancada. Espiou o interior pelo vidro embaçado. Foi só quando Sara bateu no vidro que o menino abriu.

Ela sentou-se no banco do motorista. O rádio estava mudo, e o carro, gélido. A chave estava no banco do passageiro. Sara se virou para ele. Seu filho estava pálido, e o lábio inferior tremia.

— Tem alguma coisa errada? — perguntou ela.

— Sim — respondeu. — Eu vi ele.

Havia um tom agudo de horror na voz do filho que ela não se lembrava de ter ouvido desde quando ele era apenas um garotinho espremido entre eles no sofá em frente à TV cobrindo os olhos com as mãos. E, agora, sua voz estava na fase de mudança, ele havia parado de lhe dar um abraço de boa-noite e começado a se interessar por motores de carro

e garotas. Um dia ele iria se sentar num carro com uma dessas garotas e também sairia da sua vida.

— Como assim? — indagou ela, colocando a chave na ignição e dando a partida.

— O boneco de neve...

O motor não respondeu, e ela foi tomada por um pânico repentino. Ela não sabia do que sentia medo. Sara olhou pelo para-brisa e girou a chave outra vez. Será que a bateria tinha acabado?

— E como era esse boneco de neve? — perguntou ela, pisando fundo no acelerador e, em desespero, girando a chave com tanta força que parecia que iria quebrá-la. O filho respondeu, mas sua resposta foi abafada pelo urro do motor.

Sara engrenou a marcha, soltando a embreagem como se de repente houvesse urgência em sair dali. As rodas derraparam na neve recém-caída e meio derretida. Ela pisou mais fundo no acelerador, porém a traseira do carro deslizou para o lado. Por fim, os pneus derreteram a neve e aderiram ao asfalto, fazendo o carro voar e entrar na rua derrapando.

— Papai está nos esperando — disse ela. — Vamos depressa.

Ela ligou o rádio e aumentou o volume para preencher o gélido interior com outros sons além da própria voz. Um locutor disse pela centésima vez naquele dia que, na noite anterior, Ronald Reagan havia vencido Jimmy Carter na eleição presidencial norte-americana.

De novo, o menino falou algo, e ela olhou pelo retrovisor.

— O que você disse? — perguntou em voz alta.

Ele repetiu, mas ainda não deu para ouvir. Ela abaixou o volume do rádio enquanto guiava em direção à rua principal e ao rio que cortavam a paisagem como duas tarjas negras, de luto. E se sobressaltou ao perceber que o garoto havia se inclinado para ficar entre os dois bancos da frente. Sua voz soou como um sussurro seco no ouvido de Sara. Como se fosse importante que ninguém mais os ouvisse:

— Nós vamos morrer.



## 2

2 DE NOVEMBRO DE 2004. DIA I

### Olhos de pedrinhas

**H**arry Hole deu um salto e arregalou os olhos. Estava um frio de congelar, e da escuridão veio a voz que o havia acordado. Anunciava que, naquele dia, o povo americano decidiria se, pelos próximos quatro anos, o presidente se chamaria novamente George Walker Bush. Novembro. Harry pensou que definitivamente entravam num tempo sombrio. Ele jogou o edredom de lado e botou os pés no chão. O linóleo estava tão gelado que ardia. Ele deixou as notícias retumbando no rádio-relógio e foi ao banheiro. Olhou-se no espelho. Também era novembro ali: cansaço, palidez em tons de cinza e tempo fechado. Como sempre, os olhos estavam vermelhos, e os poros no nariz eram grandes crateras pretas. As bolsas embaixo dos olhos, com suas íris azul-claras aguadas pela bebida, desapareceriam depois de lavar o rosto com água quente, secar com uma toalha e tomar o café da manhã. Ao menos ele supunha. Agora que já havia chegado aos 40, Harry não sabia bem como seu rosto se comportaria ao longo do dia. Se as rugas suavizariam, dando uma trégua para a expressão de perseguido com que acordava após passar noites sendo perturbado por pesadelos. O que acontecia na maioria das noites. Motivo pelo qual ele evitava os espelhos assim que deixava seu pequeno apartamento espartano na rua Sofie para se transformar no inspetor Hole da Divisão de Homicídios na sede da Polícia de Oslo. Era quando encarava outros rostos à procura de suas dores, seus calcanhares de aquiles, seus pesadelos, motivos e razões pelos quais decepcionavam a si mesmos, enquanto ouvia suas mentiras cansativas e tentava encontrar um sentido no que fazia: aprisionar pessoas que já estavam aprisionadas em si mesmas. Em prisões feitas de ódio e desprezo pela própria pessoa que se é, coisas que ele mesmo reconhecia bem demais. Harry passou a mão sobre os

fios arrepiados e bem-cortados de cabelo louro que crescia a exatos 192 centímetros acima das quase congeladas solas dos pés. Sua clavícula despontava como um cabide por baixo da pele. Ele havia malhado bastante desde seu último caso. Freneticamente, alguns diziam. Além de andar de bicicleta, tinha começado a fazer musculação na sala de ginástica no porão da sede da polícia. Gostava da dor intensa e de poder reprimir os pensamentos. Apesar disso, só conseguiu ficar mais magro. A gordura sumia e os músculos se assentavam em camadas entre o esqueleto e a pele. Enquanto antes tinha ombros largos e era o que Rakel chamava de naturalmente atlético, agora começava a ficar parecido com um urso-polar desfolado que havia visto em uma foto; um predador musculoso, mas absurdamente esquelético. Resumindo, ele estava desaparecendo. Não que se importasse com isso. Harry suspirou. Novembro. Ia ficar ainda mais sombrio.

Foi até a cozinha, bebeu um copo de água para aliviar a dor de cabeça e, surpreso, olhou pela janela. O telhado do prédio no outro lado da rua Sofie estava branco, e o reflexo da intensa luz aguçou sua visão. A primeira neve caíra durante a noite. Ele pensou na carta. De vez em quando recebia cartas desse tipo, mas essa era especial. Havia mencionado Toowoomba.

No rádio, um programa sobre a natureza havia começado, e uma voz animada falava sobre focas como se fossem a coisa mais incrível do mundo.

— Todo verão, as focas de Berhaus se reúnem no estreito de Bering para acasalar. Como os machos são maioria, a competição pelas fêmeas é tão feroz que aqueles que conseguem conquistar uma parceira ficam com ela durante todo o período do acasalamento. O macho cuidará de sua parceira até o filhote nascer e se desenvolver a ponto de poder cuidar de si mesmo. Não por amor à fêmea, mas por amor aos seus próprios genes. A teoria darwiniana diria que é a seleção natural que faz a foca de Berhaus ser monogâmica, não a moral.

Será?, pensou Harry.

A voz do rádio falava quase em falsete de tão empolgada:

— Mas, antes de as focas deixarem o estreito de Bering para procurar comida no mar aberto, o macho tentará matar a fêmea. Por quê? Porque uma foca fêmea de Berhaus nunca se acasala duas vezes com o mesmo macho! Para ela, isso significa distribuir o risco biológico do material genético, exatamente como na bolsa de valores. Para ela, é biológica-

mente racional ser promíscua, e o macho sabe disso. Ao matá-la, ele quer impedir que filhotes de outras focas venham a competir com sua própria prole pela mesma comida.

— Como os seres humanos também se enquadram na teoria darwiniana, por que não pensamos como as focas? — perguntou outra voz.

— Mas nós pensamos assim! A nossa sociedade não é nem nunca foi tão monógama quanto aparenta ser. Recentemente, uma pesquisa sueca mostrou que entre quinze e vinte por cento de todas as crianças têm um pai diferente do que elas acreditam ter, e vale ressaltar que isso inclui seus próprios pais declarados. Vinte por cento! Isso quer dizer uma em cada cinco crianças! Vivendo uma mentira. E garantindo a diversidade biológica.

Harry mexeu no botão do rádio à procura de alguma música suportável. Ele parou numa versão de “Desperado” executada por um Johnny Cash já maduro.

Alguém batia com força na porta de entrada.

Harry foi até o quarto, vestiu seu jeans, voltou ao hall de entrada e abriu.

— Harry Hole? — O homem do lado de fora vestia um macacão azul e olhou para Harry pelas lentes grossas dos óculos. Seus olhos eram claros como os de uma criança.

Harry assentiu com a cabeça.

— Está com fungo? — O homem fez a pergunta com expressão séria. Um longo tufo de cabelo estava grudado de viés na sua testa. Trazia de baixo do braço uma prancheta de plástico com uma folha cheia de coisas impressas.

Harry esperou o homem prosseguir e explicar, mas ele não disse mais nada. Apenas aquela expressão segura e aberta.

— Isso é uma questão estritamente pessoal — replicou Harry.

O homem esboçou um sorriso como resposta a uma piada que estava verdadeiramente enjoado de ouvir.

— Fungo no seu apartamento. Mofo.

— Não tenho motivos para acreditar que tenho.

— É essa a questão do mofo. Ele raramente dá motivos para acreditar que está aí. — O homem sugou os dentes e balançou nos calcanhares.

— Mas? — perguntou Harry por fim.

— Mas ele está.

— O que faz você achar isso?

— Seu vizinho está com mofo.

— Ah, é? E você acha que pode ter se espalhado?

— Mofo não se espalha. Podridão-seca se espalha.

— E então...?

— Há uma falha de construção na ventilação ao longo das paredes deste quartirão. Cria condições para o mofo crescer. Posso dar uma olhada na sua cozinha?

Harry deu um passo para o lado. O homem foi direto à cozinha, onde imediatamente encostou na parede um aparelho laranja, parecido com um secador de cabelo. Dois bipes soaram.

— Medidor de umidade — explicou o homem, olhando para aquilo que obviamente era um mostrador. — Como eu pensava. Tem certeza de que não viu ou sentiu o cheiro de algo suspeito?

Harry não tinha uma ideia clara do que poderia ser suspeito.

— Uma camada como aquela que dá em pão velho — disse o homem. — Cheiro de bolor.

Harry sinalizou que não.

— Teve ardência nos olhos? — perguntou o homem. — Se sentiu cansado? Teve dores de cabeça?

Harry deu de ombros.

— Claro. Desde sempre.

— Você quer dizer desde que veio morar aqui?

— Talvez. Escute...

Mas o homem não estava prestando atenção; havia tirado uma faca do cinto. Harry deu um passo para trás e olhou a mão com o instrumento se erguer e golpear a parede com muita força. Algo parecido como um gemido soou quando a faca atravessou a placa de gesso por baixo do papel de parede. O homem retirou a faca, enfiou-a novamente e arrancou um pedaço de gesso pulverizado, deixando um buraco grande na parede. Então sacou uma pequena lanterna e iluminou o buraco. Franziu bem a testa por trás das lentes superdimensionadas dos óculos. Depois enfiou o nariz no buraco e farejou.

— Justamente — concluiu ele. — Olá, pessoal.

— Olá, quem? — perguntou Harry, aproximando-se.

— *Aspergillus* — respondeu o homem. — Um gênero de mofo. Podemos escolher entre trezentas a quatrocentas espécies, e é difícil dizer com certeza qual é esta aqui, porque o crescimento nestas superfícies duras é tão tênue que é quase invisível. Mas o cheiro é inconfundível.

— E isso significa um problema, certo? — perguntou Harry, tentando lembrar quanto ainda tinha em sua conta bancária depois que ele e o pai haviam patrocinado uma viagem à Espanha para Søs, sua irmãzinha que sofria do que ela mesma chamava de “um toque de síndrome de Down”.

— Não é como podridão-seca de verdade, o prédio não vai desabar — disse o homem. — Mas você talvez.

— Eu?

— Se estiver predisposto a isso. Algumas pessoas adoecem por respirar o ar com mofo. Se sentem indispostas durante anos e são, naturalmente, acusadas de serem hipocondríacas, já que ninguém detecta nada e os outros moradores continuam saudáveis. E então a peste devora o papel de parede e as placas de gesso.

— Hum. O que você sugere?

— Que eu erradique essa proliferação, é claro.

— E as minhas economias?

— É coberto pelo seguro do prédio, não vai lhe custar nada. Só preciso de acesso ao seu apartamento durante os próximos dias.

Harry encontrou o molho de chaves sobressalentes na gaveta da cozinha e o estendeu ao homem.

— Serei só eu — disse o homem. — Acho que eu devia mencionar isso. Muita coisa esquisita acontece lá fora.

— Sério? — Harry sorriu com tristeza e olhou pela janela.

— Hein?

— Nada — falou Harry. — De qualquer maneira, aqui não tem nada para roubar. Agora tenho que ir.

O sol brando da manhã refletia em toda a fachada envidraçada da sede da Polícia Distrital de Oslo, que continuava no mesmo lugar havia mais de trinta anos, no topo da colina da rua principal, Grønlandsleiret. Mesmo que não tivesse sido exatamente intencional, a sede da polícia ficava bem próxima às áreas de maior criminalidade da zona leste da cidade, e a penitenciária de Oslo, localizada no que era a antiga cervejaria Bayern, era seu vizinho mais próximo. A delegacia era cercada por um gramado marrom e murcho, com bordos e tílias cobertos por uma fina camada de neve branco-acinzentada que caíra durante a noite, fazendo o parque parecer um espólio amortalhado.

Harry subiu pela faixa preta de asfalto até a entrada principal e se encaminhou para o hall central, onde a decoração de porcelana com água

escorrendo da parede, projetada por Kari Christensen, sussurrava seus segredos eternos. Ele cumprimentou o segurança na recepção e pegou o elevador para a Divisão de Homicídios no sexto andar. Mesmo já tendo se passado quase seis meses desde que ganhara seu próprio escritório na zona vermelha, quase sempre ia para a sala apertada e sem janelas que antes dividia com o oficial Jack Halvorsen. Agora, era ocupada pelo oficial Magnus Skarre. E Jack Halvorsen estava enterrado no cemitério de Vestre Aker. A princípio, os pais dele quiseram enterrar o filho na cidade natal de Steinkjer, pois Jack e Beate Lønn, a chefe da Perícia Técnica, não eram casados, sequer moraram juntos. Mas, quando ficaram sabendo que Beate estava grávida e que o filho de Jack nasceria no verão, concordaram em enterrar Jack em Oslo.

Harry entrou em sua nova sala. Que ele sabia que seria sempre nova, da mesma maneira que o estádio de futebol do Barcelona, com 50 anos, ainda era chamado de Camp Nou, que em catalão significa estádio novo. Ele se deixou cair na cadeira e ligou o rádio, enquanto dava bom-dia para as fotos em cima da estante de livros e se encostava à parede. Um dia num futuro desconhecido, quando se lembrasse de comprar tachinhas, iria pendurá-las na parede. Ellen Gjeltén, Jack Halvorsen e Bjarne Møller. Ali dispostos em sequência cronológica. A Sociedade dos Policiais Mortos.

No rádio, políticos noruegueses e cientistas sociais davam seus pontos de vista acerca da eleição presidencial norte-americana. Harry reconheceu a voz de Arve Støp, o dono da revista de sucesso *Liberal* e conhecido como um dos formadores de opinião mais versados, arrogantes e divertidos do país. Harry aumentou o volume até as vozes retumbarem nas paredes de tijolo e pegou suas algemas Peerless que estavam sobre a mesa. Treinou algemar com rapidez usando o pé da mesa como alvo. A madeira já estava toda lascada por causa desse mau hábito adotado durante um curso no FBI em Chicago e aperfeiçoado em noites solitárias passadas num quarto nojento em Cabrini Green, ao som dos gritos de vizinhos brigando e Jim Beam como única companhia. A meta era lançar a algaema ao punho do preso, de modo que a mola da argola atirada ativasse a outra argola e travasse. Com a quantidade certa de força e precisão, era possível se algemar ao prisioneiro com um simples movimento, antes que ele tivesse tempo de reagir. Harry nunca teve a oportunidade de usar isso em serviço e apenas uma vez havia aplicado a outra coisa que aprendera no curso: como prender um serial killer. A algaema travou em volta do pé da mesa e as vozes do rádio zumbiram:

— O que você acha que torna os noruegueses tão céticos em relação a George Bush, Arve Støp?

— É porque somos um país superprotegido e, embora nunca tenhamos travado nenhuma guerra, ficamos felizes por deixar outros fazerem isso por nós: a Inglaterra, a União Soviética e os Estados Unidos. Sim, desde as guerras napoleônicas estamos nos escondendo atrás de nossos irmãos mais velhos. A Noruega baseou sua segurança na confiança de que outros se responsabilizarão quando as coisas se complicarem. Tem sido assim por tanto tempo que perdemos nosso senso de realidade, acreditando que a Terra é basicamente povoada por gente que nos deseja o bem por sermos o país mais rico do mundo. A Noruega é uma loura tagarela com o cérebro do tamanho de uma ervilha que se perdeu numa ruela do Bronx e que agora se sente indignada porque seu guarda-costas está sendo violento demais com os assaltantes.

Harry discou o número de Rakel. Além do número de Søs, o de Rakel era o único que sabia de cor. Quando ele era mais novo e inexperiente, pensava que ter uma memória ruim fosse uma desvantagem para um investigador. Agora sabia que não.

— Bush e os Estados Unidos são o guarda-costas? — perguntou o âncora.

— Sim. Lyndon B. Johnson disse uma vez que os Estados Unidos não escolheram esse papel, mas reconheceu que não havia outros para cumpri-lo, e tinha razão. Nosso guarda-costas é um cristão-novo, com uma relação conturbada com o pai, problemas com bebida e de intelecto limitado, sem força de caráter suficiente até para fazer o serviço militar de forma honrosa. Em suma, um cara que devemos ficar felizes por ser reeleito presidente hoje.

— Suponho que esteja sendo irônico.

— De maneira alguma. Um presidente tão fraco escuta seus conselheiros, e a Casa Branca tem os melhores, acredite. Mesmo que com aquele seriado de TV ridículo sobre o Salão Oval nós possamos até ter ficado com a impressão de que os democratas têm monopólio da inteligência, por mais surpreendente que seja, é na extrema direita, entre os republicanos, que encontramos as mentes mais perspicazes. A segurança da Noruega está nas melhores mãos.

— Uma amiga de uma amiga minha já fez sexo com você.

— Sério? — perguntou Harry.

— Você não — consertou Rakel. — Estou falando com o outro cara. Støp.

— Desculpe — disse Harry, e abaixou o volume do rádio.

— Depois de uma palestra em Trondheim. Ele a convidou para ir ao quarto dele. Ela estava interessada, mas fez questão de contar que havia removido um seio. Ele disse que queria pensar um pouco e foi para o bar. Voltou e a levou para o quarto.

— Hum. Espero que tenha correspondido às expectativas.

— Nada é capaz de corresponder a expectativas.

— É — concordou Harry, perguntando-se sobre o que estariam falando.

— E como vai ser hoje à noite? — perguntou Rakel.

— Às oito no Palace Grill está bom. Mas que besteira é essa de não poder reservar mesa?

— Para dar um toque diferenciado, eu acho.

Combinaram de se encontrar no bar. Depois de desligar, Harry ficou pensando. Ela parecia satisfeita. Ou alegre. Alegre e animada. Tentou ver se ele, por sua vez, tinha sido bem-sucedido na tentativa de ficar satisfeito com a alegria dela, satisfeito porque a mulher que ele havia amado tanto estava feliz com outro homem. Rakel e ele já tiveram seu tempo, e ele teve suas chances. As quais desperdiçou. Por que então não ficar contente por ela estar bem, por que não desistir da ideia de que as coisas podiam ter sido diferentes e seguir a própria vida? Prometeu a si mesmo que se esforçaria um pouco mais.

A reunião matinal acabou logo. O chefe da Divisão de Homicídios, Gunnar Hagen, fez uma revisão dos casos em andamento. Que não eram muitos, visto que não tinham nenhum assassinato recente sob investigação, e assassinato era a única coisa que fazia a pulsação da delegacia acelerar. Thomas Helle, um oficial da Divisão de Pessoas Desaparecidas, estava presente e expôs o caso de uma mulher que tinha sumido de casa havia um ano. Nenhum sinal de violência, nenhum sinal do autor do crime e nenhum sinal dela. Era dona de casa e fora vista pela última vez na creche, onde havia deixado o filho e a filha pela manhã. O marido e todas as pessoas próximas tinham álibis e foram descartados como suspeitos. Concordaram que a Homicídios deveria levar o caso adiante.

Magnus Skarre transmitiu saudações de Ståle Aune, o psicólogo fixo da Homicídios, a quem havia visitado no Hospital Ullevål. Harry sentiu uma leve dor na consciência. Ståle Aune não era apenas seu conselheiro em casos criminais mas também seu conselheiro pessoal na luta contra a



bebida e o mais próximo que já chegara de um confidente. Já havia mais de uma semana que Aune tinha sido internado com um diagnóstico incerto, porém Harry ainda não havia conseguido superar sua aversão por hospitais. Amanhã, pensou Harry. Ou quinta.

— Temos uma nova oficial — declarou Gunnar Hagen. — Katrine Bratt.

Uma mulher jovem se levantou espontaneamente da primeira fila, mas sem lhes oferecer um sorriso. Era muito atraente. Atraente sem esforço, pensou Harry. Cabelos finos, quase ralos, pendiam sem vida nas laterais do rosto. Este, por sua vez, era pálido, de traços retos e com a mesma expressão séria e cansada que Harry tinha visto em outras mulheres de grande beleza, já tão acostumadas a serem olhadas que haviam parado de gostar ou não disso. Katrine Bratt usava um tailleur azul que ressaltava sua feminilidade, mas as grossas meias-calças pretas embaixo da saia e as botinhas de inverno muito práticas invalidavam quaisquer suspeitas de que estivesse investindo nesse lado. Ela passou o olhar pelo grupo, como se tivesse ficado de pé para vê-los, e não para ser vista. Harry apostou que ela havia planejado tanto o traje quanto essa pequena atuação em seu primeiro dia de trabalho na sede da polícia.

— Katrine trabalhou quatro anos na Polícia de Bergen, a maior parte do tempo na Divisão de Crimes Sexuais, mas também já atuou na Divisão de Homicídios — continuou Hagen, olhando para uma folha que Harry supunha ser o currículo dela. — Formou-se em direito na Universidade de Bergen em 1999, estudou na Academia de Polícia e é nossa oficial. Por enquanto não tem filhos, mas é casada.

Uma das finas sobancelhas de Katrine Bratt se ergueu quase imperceptivelmente, e Hagen, ou notando esse detalhe, ou talvez achando que a última informação havia sido supérflua, emendou:

— Para quem estiver interessado...

Na pausa opressiva e marcante que se seguiu, Hagen pareceu achar que tinha piorado as coisas ainda mais, pigarreou duas vezes e disse que aqueles que ainda não estivessem inscritos para a festa de Natal deveriam fazê-lo até quarta-feira.

Cadeiras arrastando e Harry já estava no corredor quando ouviu uma voz atrás de si:

— Parece que pertenco a você.

Harry deu meia-volta e se deparou com o rosto de Katrine Bratt. Como seria atraente se fizesse um esforço, pensou.

— Ou você a mim — continuou ela, mostrando uma fileira de dentes regulares, mas sem deixar o sorriso alcançar os olhos. — Depende do ponto de vista. — Ela falou em norueguês-padrão, temperado com sotaque de Bergen e seus erres moderadamente arrastados, fazendo Harry apostar consigo mesmo que ela era de Fana ou de Kalfaret ou de outro bairro de classe média.

Ele continuou andando, e ela apressou o passo para acompanhá-lo.

— Parece que o chefe da Homicídios se esqueceu de informá-lo. — Ela pronunciou o título de Gunnar Hagen dando uma ênfase levemente exagerada a todas as sílabas. — Mas você deveria me mostrar o lugar e cuidar de mim nos próximos dias. Até eu conseguir me virar por conta própria. Você acha que pode fazer isso?

Harry esboçou um sorriso. Até então estava gostando dela, mas é claro que estava aberto a mudar de ideia. Ele estava sempre disposto a dar às pessoas outra chance de figurar em sua lista negra.

— Não sei — disse ele, parando na máquina de café. — Vamos começar com isso.

— Não bebo café.

— Mesmo assim. Ela é autoexplicativa. Como a maior parte das coisas por aqui. O que você pensa a respeito do caso da mulher desaparecida?

Harry apertou o botão “Americano” que, no caso dessa máquina, era tão americano quanto o café norueguês que serviam nas barcas.

— O que é que tem? — perguntou Bratt.

— Você acha que ela está viva? — Harry tentou falar de maneira casual para que ela não percebesse que era um teste.

— Acha que sou estúpida? — retrucou ela, olhando para a máquina que pigarreava e cuspiam um líquido preto num copo plástico branco sem disfarçar seu asco. — Não ouviu o chefe da Homicídios dizer que trabalhei na Divisão de Crimes Sexuais durante quatro anos?

— Humm — murmurou Harry. — Morta então?

— Como os dinossauros — respondeu Katrine Bratt.

Harry levantou o copo branco. Não refutou a possibilidade de ter acabado de ganhar uma parceira que poderia vir a apreciar.

À tarde, enquanto caminhava para casa, Harry percebeu que a neve havia sumido das calçadas e que os flocos finos e leves que rodopiavam no ar eram engolidos pelo asfalto molhado assim que caíam no chão. Ele entrou na loja de música de sempre, na rua Aker, e comprou

o último disco do Neil Young, mesmo suspeitando que fosse de má qualidade.

Ao abrir a porta de casa, notou alguma coisa diferente. Algo como o som. Ou quem sabe fosse o cheiro. Parou bruscamente na porta da cozinha. Uma parede inteira havia sumido. Quer dizer, no local em que, naquela mesma manhã, havia um alegre e florido papel de parede e placas de gesso, agora só se viam tijolos vermelhos, argamassa cinza e uma armação amarelo-acinzentada com furos de pregos. A caixa de ferramentas do homem do mofo estava no chão, e sobre a mesa da cozinha havia um bilhete dizendo que ele voltaria no dia seguinte.

Harry foi até a sala, colocou o CD do Neil Young, melancolicamente o retirou 15 minutos depois e colocou Ryan Adams. A ideia de tomar um drinque veio do nada. Harry fechou os olhos e fitou o padrão de sangue que dançava na completa escuridão dos olhos fechados. Voltou a pensar na carta. A primeira neve. Toowoomba.

O toque do telefone interrompeu “Shakedown on 9th Street”.

Uma voz feminina se apresentou como Oda, disse que estava ligando da redação do *Bosse* e que era um prazer falar com ele novamente. Harry não conseguia se lembrar dela, mas se lembrou do programa de TV. Haviam-no convidado para falar sobre serial killers por ele ser o único policial norueguês a ter estudado no FBI, além de ter abatido um serial killer de verdade. Harry havia sido estúpido o bastante para aceitar. Tinha dito a si mesmo que fazia aquilo para que pudesse dizer algo importante e razoavelmente qualificado sobre pessoas que matam, e não para ser visto no programa de entrevistas mais popular do país. Em retrospecto, não tinha tanta certeza. Mas isso não era a pior parte. A pior parte era ter tomado um drinque antes de ir ao ar. Harry estava convencido de que tinha sido apenas um. Mas no programa pareciam ter sido cinco. Ele havia falado com dicção clara, como de costume. Mas seu olhar estava vidrado, e sua análise fora feita com a lentidão de uma lesma, sem nunca chegar a qualquer conclusão, por isso o âncora tinha sido obrigado a receber outro convidado, o novo campeão europeu de arranjos florais. Harry não dissera nada, mas sua linguagem corporal não havia deixado dúvidas sobre o que pensava do debate acerca dos arranjos florais. Quando o âncora, com um sorriso furtivo, perguntara a ele qual a relação entre um inspetor investigando um assassinato e os arranjos florais, Harry respondera que, pelo menos, as coroas de flores dos enterros noruegueses mantinham o alto padrão internacional. Talvez

tenha sido o jeito indiferente e levemente abobalhado da embriaguez que arrancou risos do público no estúdio e tapinhas nas costas do pessoal da TV após o programa. Disseram que ele havia oferecido “do bom e do melhor”. E então se juntou a um pequeno grupo deles na Kunstnernes Hus, satisfez-se com a bebida e acordou no dia seguinte com um corpo que, em todas as suas fibras, gritava, exigia, precisava ter mais. Era sábado, e ele havia continuado a beber até o fim de semana terminar. Havia sentado no Restaurante Schrøder, onde gritou por mais chope quando começaram a piscar as luzes para encorajar os clientes a se retirar. Rita, a garçonete, fora até Harry para dizer que ele não poderia mais entrar ali se não fosse embora imediatamente, de preferência indo direto para a cama. Na manhã seguinte, Harry havia comparecido ao trabalho às oito em ponto. Não contribuiu com nada útil ao departamento, vomitando na pia depois da reunião matinal, agarrando-se à cadeira do escritório, tomando café, fumando e vomitando de novo, mas dessa vez na privada. E aquela tinha sido a última vez em que havia sucumbido; não bebera uma gota desde abril.

E agora queriam que ele voltasse para a frente das câmeras.

A mulher explicou que o tema era terrorismo em países árabes e o que transformava pessoas de boa formação da classe média em máquinas de matar. Harry a interrompeu antes de ela terminar.

— Não.

— Mas gostaríamos tanto que viesse, você é tão... tão... rock’n’roll!  
— Ela riu com um entusiasmo cuja sinceridade ele não pôde determinar, mas naquele momento reconheceu a voz dela. A mulher também esteve na Kunstnernes Hus naquela noite. Tinha aquela beleza entediante dos jovens, falava com aquele jeito entediante dos jovens e havia olhado para Harry com apetite, como se ele fosse um prato exótico que considerava provar; será que ele era exótico *demais*?

— Ligue para outra pessoa — finalizou Harry e desligou. Depois fechou os olhos e ouviu Ryan Adams perguntando-se: “Oh, baby, why do I miss you like I do?”

O menino levantou o olhar para o homem ao seu lado na bancada da cozinha. A luz do jardim coberto de neve refletia na pele lisa e esticada sobre o crânio pesado do pai. Mamãe dissera que o pai tinha um cabeção porque ele era um crânio. O filho perguntou por que ela disse que ele *era* um crânio se na verdade *tinha* um crânio, ao que ela soltou uma garga-

lhada e fez cafuné no garoto, dizendo que aquilo era coisa dos professores de física. Naquele momento, o crânio estava lavando batatas com a água que caía da torneira e colocando-as direto na panela.

— Não vai descascar as batatas, papai? Mamãe costuma...

— Sua mãe não está aqui, Jonas. Por isso, vamos fazer do meu jeito.

O pai não havia levantado a voz, embora houvesse nela uma irritação que fez Jonas se encolher. Ele nunca soube muito bem o que exatamente deixava o pai com tanta raiva. E, às vezes, nem se ele *de fato* estava com raiva. Até ver o rosto da mãe com aquelas rugas de ansiedade nos cantos da boca, o que parecia aumentar ainda mais a irritação do pai. Queria muito que ela voltasse logo.

— A gente não usa esses prato, pai!

O pai bateu a porta do armário de louças e Jonas mordeu o lábio inferior. O rosto do pai se abaixou para se aproximar do seu. Os óculos finíssimos e quadrados cintilaram.

— Não se diz “esses prato”, e sim “esses pratos” — corrigiu o pai. — Quantas vezes vou ter que te dizer isso, Jonas?

— Mas mamãe diz...

— Mamãe não fala direito. Entende? Mamãe vem de um lugar e de uma família que não liga para o uso da língua. — O hálito do pai cheirava a sal, a alga podre.

A porta da entrada bateu.

— Olá — saudou ela, cantarolando, do corredor. Jonas estava prestes a correr ao seu encontro, mas o pai o segurou pelo ombro, apontando para a mesa ainda não posta. — Como vocês são legais!

Jonas podia ouvir o sorriso na voz ofegante que vinha do vão da porta atrás de si, enquanto colocava talheres e copos o mais rápido que podia.

— E que boneco de neve grandão vocês fizeram!

Surpreso, Jonas se virou para a mãe, que estava desabotoando o casaco. Ela era tão bonita. Pele escura, cabelos escuros, igual a ele, e aqueles olhos quase sempre tão meigos. Quase. Ela não era tão magra quanto nas fotos do tempo em que ela e o pai se casaram, mas Jonas tinha notado que os homens sempre olhavam para ela quando passeavam pela cidade.

— Não fizemos nenhum boneco de neve — disse Jonas.

— Não? — A mãe franziu a testa enquanto desenrolava o grande cachecol cor-de-rosa que ele lhe dera de presente de Natal.

O pai foi para a janela da cozinha.

— Devem ter sido os filhos do vizinho — supôs ele.

Jonas subiu numa cadeira e espiou para fora. E lá, no gramado bem na frente da casa, havia de fato um boneco de neve. E, como dissera a mãe, era bem grande. Os olhos e a boca eram feitos de pedrinhas, e uma cenoura servia de nariz. O boneco de neve não usava chapéu, gorro ou cachecol, e tinha apenas um braço, um galho fininho que Jonas tinha certeza de que vinha da cerca viva. De toda forma, havia algo esquisito naquele boneco de neve. Estava virado para o lado errado. Ele não sabia o porquê, mas achava que ele devia olhar para a rua, para o espaço aberto.

— Por que... — começou Jonas, mas foi interrompido pelo pai.

— Vou falar com eles.

— Por quê? — perguntou a mãe do corredor, onde Jonas a ouviu baixar o zíper das botas de couro de cano alto. — Não importa.

— Não quero esses garotos rondando a nossa casa. Vou cuidar disso quando voltar.

— Por que ele não está olhando para fora? — perguntou Jonas.

Do corredor, a mãe soltou um suspiro.

— A que horas vai estar de volta, meu bem?

— Amanhã.

— A que horas?

— Como assim? Você tem algum compromisso? — Havia uma leveza na voz do pai que deixou Jonas arrepiado.

— Pensei em deixar o jantar pronto — respondeu ela ao entrar na cozinha. Foi até o fogão, deu uma espiada nas panelas e aumentou o fogo de duas delas.

— Deixe pronto, então — disse o pai e se virou para a pilha de jornais na bancada. — Alguma hora estarei de volta.

— Está bem. — A mãe foi até ele e o abraçou pelas costas. — Mas você tem mesmo que ir a Bergen esta noite?

— Minha palestra é às oito da manhã — respondeu ele. — Depois que o avião pousa, ainda leva uma hora para chegar até a universidade, então não daria tempo de eu pegar o primeiro voo da manhã.

Jonas podia ver pelos músculos da nuca do pai que ele estava mais relaxado, que a mãe outra vez havia conseguido escolher as palavras certas.

— Por que o boneco de neve está olhando para a nossa casa? — perguntou Jonas.

— Vai lavar as mãos — mandou a mãe.

Comeram em silêncio, interrompidos apenas pelas perguntinhas da mãe sobre a escola e pelas respostas curtas e evasivas de Jonas. O garoto sabia que respostas muito detalhadas podiam resultar em perguntas desagradáveis do pai sobre o que estava aprendendo — ou não aprendendo — naquele “projeto de escola”. Ou interrogatórios rascantes sobre alguém com quem Jonas mencionasse ter brincado, sobre o que faziam os pais desse alguém e de onde vinham. Questões que Jonas nunca podia responder satisfatoriamente.

Quando Jonas já estava na cama, ouviu seu pai despedindo-se de sua mãe no andar de baixo, a porta se fechando, o carro dando partida e o som do motor desaparecendo à distância. Estavam sozinhos de novo. A mãe ligou a TV. Ele pensou em algo que ela havia perguntado. Por que Jonas quase não trazia mais colegas da escola para brincar em casa? Ele não soube o que responder, pois não queria que ela ficasse triste. Mas agora quem estava ficando triste era ele. Jonas mordiscou o interior das bochechas, sentindo a dor agriçoce irradiar para os ouvidos, e observou os tubos metálicos do sino de vento pendurado no teto. Ele levantou da cama e foi até a janela.

A neve no jardim refletia luz suficiente para que vislumbrasse o boneco de neve lá embaixo. Parecia solitário. Alguém devia ter colocado gorro e cachecol nele. E talvez um cabo de vassoura para segurar. Naquele momento, a lua despontou por detrás de uma nuvem. A fileira de dentes pretos apareceu. E os olhos. Automaticamente, Jonas prendeu a respiração e deu dois passos para trás. Havia um brilho nos olhos de pedrinhas. E eles não olhavam para o interior da casa lá embaixo. Olhavam para cima. Para o quarto dele. Jonas fechou as cortinas e voltou para a cama.